

BRÁS PIRES FARINHO: SEUS PAIS, SEU BATISMO E SUA VIDA NA VILA DE SERPA

Matheus Miranda de Sá Campelo

Resumo

Este artigo analisa a trajetória de Brás Pires Farinho, natural da Vila de Serpa, Portugal, e batizado na freguesia de São Salvador, destacando a importância de sua ascendência e de sua descendência na formação de linhagens coloniais no Brasil. A partir de fontes paroquiais, registros de batismo e documentos históricos, reconstroem-se dados sobre sua vida, seus pais e seu contexto social. O estudo amplia a compreensão das redes familiares, dos deslocamentos migratórios e dos vínculos entre Portugal e Brasil no período colonial, contribuindo para o aprofundamento dos estudos genealógicos e históricos.

Abstract

This article analyses the trajectory of Brás Pires Farinho, born in the town of Serpa, Portugal, and baptized in the parish of São Salvador, emphasizing the importance of his ancestry and progeny in shaping colonial lineages in Brazil. Drawing on parish records, baptismal registries, and historical documents, the life of Brás Pires, his parents, and his social context, are reconstructed. This study enhances the understanding of family networks, migratory movements, and the ties between Portugal and Brazil during the colonial period, contributing to deeper genealogical and historical research.

Conhecido povoador de Minas Gerais e fundador da localidade de Brás Pires, hoje, município, situado na zona de Dores do Turvo, Brás Pires Farinho foi o genearca de uma considerada família de desbravadores mineiros. Seus descendentes, destacaram-se no período colonial, pelo exercício de ocupações de importância na administração pública durante o ciclo do ouro.

Ainda que diversos autores tenham tratado de sua biografia, e até mesmo identificado que a origem do patriarca fosse a vila de Serpa, jamais se registrou

notícia dos pormenores de sua vida em Portugal, ou então do conteúdo exato de seu batismo.

As fontes são escassas, e, especialmente quanto a Brás Pires, existe ainda a curiosa verborragia de um raríssimo livro, escrito por Abel Gomes, mas que nada nos esclarece, a respeito dos princípios de tão notável parentela¹.

Felizmente, dentre os vários filhos de Brás Pires, havidos de sua esposa Sebastiana Cardoso, natural de Guaratinguetá, existiu uma Ana Pires Farinho, que foi casada com o açoriano João Martins de Medeiros, natural da freguesia de São Pedro, de Vila Franca do Campo, ilha de São Miguel. Desse casal, nasceu Inácio Martins de Medeiros, homem religioso, que para se habilitar a ordens menores, realizou o “*de genere*” de seu avô materno, no ano de 1752.

Arquivado sob o título de “Requisitória a Favor de Inácio Martins de Medeiros” no acervo do Arquivo Distrital de Évora², o documento é rico em detalhes.

Nele, constam os testemunhos de pessoas que chegaram a conhecer Brás Pires mesmo antes de sua partida para o Brasil.

Em 27-FEV-1753, os investigadores eclesiásticos foram até Serpa, Distrito de Beja, Portugal, para perguntar sobre a vida, os costumes e as origens desse enigmático povoador. Pedro Fernandes, trabalhador, foi o primeiro que testemunhou.

Pedro, como todos os demais depoentes do processo, não conhecia, nem tinha notícia de quem fosse Inácio Martins, mas ele conhecera “*muíto bem a Brás Pires Farinho*”, ainda que ele não soubesse se era “*avô materno*” do “*habilitante*”.

Segundo Pedro, Brás era natural da vila de Serpa, e ali fora morador na freguesia do Salvador, “*e o conheceo desde sua creação até que se ausentou*”, sem saber, porém, para onde foi.

¹ GOMES, Abel. *Braz Pires: Subsídios para a História da Colonização de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Editora Irmãos Pongetti Editores, 1951.

² Todas as demais citações mencionadas neste trabalho, exceto quando indicado de modo diverso, têm como fonte o mesmo documento: a Requisitória a Favor de Inácio Martins de Medeiros, Código de Referência PT/ADEV/FE/DIO-CEEVR/A/013/01956, Arquivo Distrital de Évora. Na atual divisão política de Portugal, Serpa pertence à região raiana do Distrito de Beja. A requisitória a favor de Inácio de Medeiros deve ter ficado em Évora, vez que Serpa pertencia à antiga administração eclesiástica desse mesmo bispado. No documento, Brás é denominado tanto como “*Farinho*” quanto “*Farinha*”.

Pedro declarou que Brás havia vivido em Serpa “*aulando gramatica*”, e que muito convivera com ele “*pelo tratar*”, “*falando muitas vezes com elle e por ser conhecidos seus antecessores como foi a uma Anna Fernandes Farinha*”, mãe de Brás Pires.

Pedro mencionou que não era parente de Brás Pires, e que não detinha qualquer razão particular de amizade com seu neto, Inácio Martins, a quem reiterou que não conhecia. Pedro também disse que tampouco conhecera os pais de Inácio Martins, mas se Inácio era neto de Brás Pires, Pedro fundamentou que, por essa via, ele era “*legitimo e inteiro christão velho limpo e de limpo sangue e geração sem raça alguma de judeo, christão novo, mouro, mourisco, negro mulato, ou gentio novamente convertido á nossa Santa fé catholica, ou de outra alguma infecta nação*”, tendo sido sempre “*tido e havido e reputado*”, inclusive por parte de “*seus progenitores*”, “*sem fama auhuma contrario*”.

Pedro igualmente acrescentou que nenhum antepassado da família havia sido preso, punido ou condenado em “*pena vil*”, nem teria pago “*finta imposta á gente de nação hebreia neste Reyno ou fora delle, nem disto fossem infamados*”.

As demais testemunhas no processo assim também repetiram, com modelar e semelhantes palavras, no filtro típico dos escrivães da época³.

Bento Varella, outra testemunha, disse que, como Pedro Fernandes, conhecera Brás Pires desde “*sua creação pelo ver crear nesta villa sendo estudante*” até que se “*ausentou para partes donde elle testemunha não*” sabia, nem tinha notícia. Bento também falou e tratou com Brás “*muitas vezes*”, algo que Sebastião Rodrigues, outra testemunha, disse que nunca fez, pois não o conhecera. Sebastião, todavia, conheceu “*muito bem a Anna Fernandes sua may e a muitos seus parentes*”, os quais dizem que Brás Pires “*se ausentara*” de Serpa “*por causa de hum infortúnio sendo estudante*”, sem saber Sebastião para onde Brás havia se dirigido.

Antônio Marques, oficial de sapateiro, natural de Portel, conhecera Brás “*Farinha pelo ver creár em casa de seus pays*”, donde saiu para o mundo, para lugar que desconhecia. Bento Gomes, não por menos, também o conhecera “*aulante*”, filho de Ana Fernandes, a quem ele bastante conheceu, e sabia que Brás tinha se ausentado para parte insólita, em razão de um infortúnio ocorrido, enquanto ainda estudava.

³ Com alguma variação, os depoentes deixaram claro que Brás Pires Farinho e sua família era de origem cristã velha, e que nenhum de seus parentes jamais havia sido preso ou penitenciado pelo Santo Ofício.

Manuel Gonçalves, de “setenta anos pouco mais ou menos”, disse que andou com Brás Pires “no tempo de sua mocidade”, e que Brás se ausentara de Serpa para “parte melhor aonde tem sempre assistido”, por motivo de lhe ter sucedido uma “desgraça”, em Serpa.

Apesar de ter sido companheiro de Brás, quando moço, Manuel fez questão de mencionar aos investigadores que não ele nunca mais tivera notícias de Brás, “senão na presente ocasião”, pelas inquirições de seu neto, isto é, por volta da década de 1750, portanto.

Damião Rodrigues,

“que foi oficial de cardador”, de “setenta annos pouco mais ou menos”, disse que “conheceo a Brás Pires Farinha” de “sua creacaó pelo ver crear em casa de sua may Anna Fernandes athé que” ele se ausentou de Serpa “para parte remotas por causa de hum infotunio lhe succedeo”, e “com elle falou muitas vezes antes de sua ausencia”.

Bento Rodrigues e Maria da Trindade, não menos idosos, ainda lembravam de Brás Pires, e ambos mencionaram que ele se ausentara de Serpa “por causa que para isso teve”. Maria da Trindade, assim como Manuel Gonçalves, ressaltou que não teve notícias de Brás Pires desde sua saída de Serpa, senão até o momento em que lhe fora perguntada por ele, em razão das habilitações de Inácio Martins.

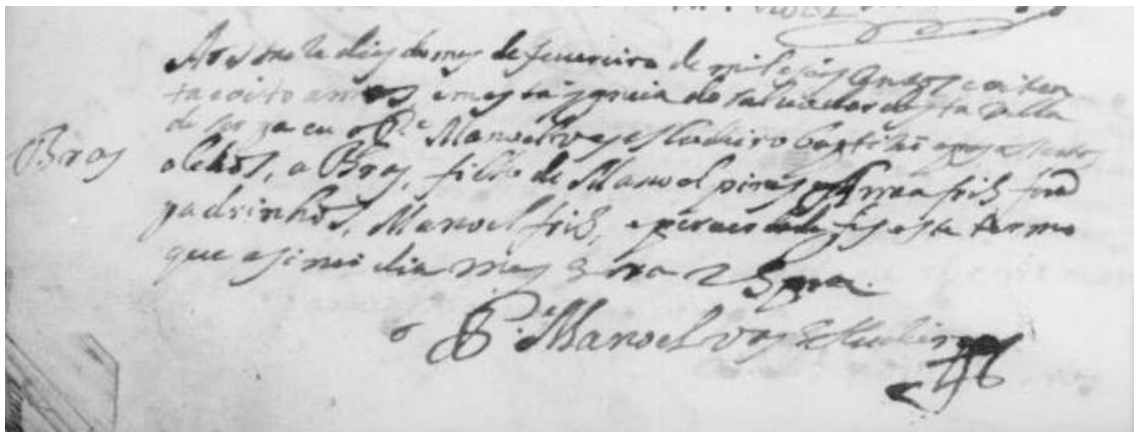
Encerrados os testemunhos, ao final do processo existe uma misteriosa carta, cujo teor indica que o próprio Brás, em determinado momento, requisitou que lhe fosse passada a certidão de seu batismo. Memória feliz, a carta e o teor da certidão, foram registrados, para o eternizar de sua história:

“Diz Brás Pires Farinha mor q^e foi nesta v^a de Serpa f^o de M^{el} Pires e de Anna Fernandes Farinha q^e p^a bem de sua justiã lhe hé necessario se lhe passe por certidão o teor do assento do seu baptismo q^e se ha de achar em hum dos livros dos baptizados da fg^{za} do Salvador desta d^a Villa aonde foi baptizado (...)”

Logo abaixo:

“Certifico eu frey Manoel Carneado Prior da parochial ig^{ra} do Salvador desta v^a de Serpa que vendo os livros dos baptizados da vila supra em hum deles a fl 92 v^o está um termo do theor seguinte = Aos sete dias do mês de fevereiro de mil seiscentos e oitenta e oito annos em esta ig^{ra} do Salvador desta v^a de Serpa, eu o padre Manoel Vaz Escudeiro baptizei e pus os santos óleos a Bras filho de Manoel Pires e de Anna fernandes: forão padrinhos Manoel fernandes, e por verdade fis este termo, que assignei dia mês e era et supra = o padre Manoel Vaz Escudeiro (...)”

Com efeito, no livro de batismos de 1681 a 1688 da freguesia do Salvador de Serpa, ainda existe o registro original de batismo de Brás Pires Farinho:



Detalhe do Assento Original Batismo de Brás Pires Farinho⁴

A documentação de época, cuja pobreza e brevidade informacional é característica do mero cumprimento de suas funções, também não facilita a empreitada de reencontro do perfil de antigo um pesquisado, sobretudo, e como é caso, quando ele mesmo deixou pouquíssimos rastros próprios, em ambos os continentes que viveu.

⁴ Batizado de Brás. Livro de Batismos de 1681 a 1688 da Paróquia do Salvador de Serpa, fôlio 92 v^o, 07 fev. 1688. Arquivo Distrital de Beja. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/fileViewer/aa28a0a60ecf4ab99b399c6a898a44fb?isRepresentation=false&selectedFile=35819330&fileType=IMAGE>. Acesso em: 10 mar. de 2024.

Entretanto, pelas entrelinhas que se ameaham, em alguns casos é possível, por mínimos detalhes, que inferências possam ser realizadas, a propósito da vivência e da trajetória de antigas figuras, as quais, por fim, revelam, e nos legam determinadas marcas – ou características pessoais.

O véu do tempo, então, torna-se relativamente transponível.

Tais detalhes, no caso de Brás Pires Farinho, localizam-se em três pequeninas questões, oferecidas pelas testemunhas que o conheceram e que ainda eram vivas ao tempo da requisitória de seu neto:

- 1) a condição social, e geral, dos depoentes arrolados no processo;
- 2) a informação de que Brás fora estudante; e
- 3) a informação de que Brás Pires saíra de sua terra natal em razão de “infortúnios”;

A partir desses três elementos, poucos, mas algo reveladores, faz-se possível identificar alguns aspectos que decerto delinearam e compuseram a presença de Brás Pires Farinho, enquanto caminhante nesta terra.

- 1) Praticamente todos os que conheceram Brás, em sua infância, e mesmo aqueles que se declararam companheiros e amigos seus, em idade de criança, qualificaram-se, por ofício, em sua grande maioria como trabalhadores braçais, ou então artífices de alguma sorte: eram sapateiros, cardadores, obreiros, ou então apenas “trabalhadores”. A única mulher que testemunhou no processo foi Maria da Trindade, esposa de Bento Rodrigues, também testemunha na requisitória, e que se qualificou como “*Alvané*”, ou então “*alvanéu*”, o mesmo que construtor – pedreiro. De resto, Bento Varela e Bento Gomes de Negreiros, viviam de “*suas fazendas*”; Sebastião Rodrigues foi “*boticário*”;
- 2) Essas qualificações nos indicam dizer, no mínimo, que Brás fosse seguramente de origens plebeias, mas não, necessariamente, modestas: ainda que as testemunhas em momento algum do processo tenham mencionado as profissões dos pais, ou de algum parente de Brás, chamamos especial atenção o fato de que os depoentes o tenham relembrado como um “*estudante*”, ou então, “*aulante*”, e de “*gramatica*”;

- 3) É certo que os estudos eram privilégio de poucos ao tempo de Brás, e a mera indicação de que um homem seiscentista tivera a oportunidade de instruir-se, em especial no campo da gramática, constitui elemento chave, e que, por si só, destaca-o do lugar comum de seu tempo, sugerindo que sua família, e consequente criação, tenham sido abonadas;
- 4) Por fim, e a propósito dos aspectos mais pessoais de Brás – e de seu humor –, a recorrente informação de que ele simplesmente abandonou a vila de Serpa, para lugares “desconhecidos” por todos, e em razão de um “infortúnio”, ou então, de algo que o teria motivado para tanto, é também outro ponto nodal de sua história, e que é capaz de revelar, pelo menos um pouco, como agia, ou devia pensar esse antiquíssimo povoador;
- 5) Diante de dificuldades, as quais nenhum dos depoentes na requisitória especificou bem no que consistiam, Brás retirou-se da terra em que nascera, e acabou no Brasil. Esse fato, até então, era ignorado. Agora, é curioso notar, daquilo que se conhece de Brás, já no Brasil, que uma vez estabelecido nos arrabaldes de Guarapiranga, em Minas Gerais, as crônicas nos dão notícia que, “*se desentendendo*” ele, com os “*homens poderosos*” locais, Brás simplesmente teria abandonado Guarapiranga, para enfim fundar, subindo o rio Xopotó, arraial próprio, e que hoje é o município que leva seu nome⁵;
- 6) A história não especifica bem que tipo de novos “infortúnios” Brás teria tido com os mandantes locais de Guarapiranga. Entretanto, podemos supor, de duas uma: ou Brás era um homem de difícilíssimo trato, e que nos lugares em que estabelecia a briga era certa, motivando a migração; ou também que Brás era pessoa que fácil se desapegava, para poder movimentar-se, até que as condições fossem boas o suficiente para nova residência;
- 7) Uma vez no arraial que fundou, ainda na década de 1730, Brás ali finalmente quedou-se, deixando numerosa prole, e muitas suposições acerca de si, para o futuro.

⁵ A respeito desses “desentendimentos”, veja-se a descrição histórica sobre a formação do município de Brás Pires, constante do endereço oficial eletrônico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=33349&view=detalhes>. Além disso, GOMES, Abel. *Op. cit.*, p. 42, 43, 47 e 48, em especial.

Considerações Finais sobre o Legado de Brás Pires Farinho e sua Linhagem

Fundador do arraial de Brás Pires, e aquele que abriu caminho como ponta de lança para o povoamento dos arredores do antigo termo de Mariana, é assaz difícil extrair de documentos antigos o perfil de alguém que, desde a época de seu falecimento, já dista quase dois séculos de nosso tempo. Não subsistem testemunhos diretos de sua existência e, sendo ele, como a maioria dos homens de sua época, oriundo de condição modesta, poucos são os elementos que permitem entrever algum traço de sua personalidade.

A documentação de época, também não facilita a empreitada de reencontro do perfil de um antigo pesquisado.

A carência de testemunhos diretos não impede, contudo, que algo mais sobre sua personalidade não possa ser intuído, ainda que de modo cauteloso, a partir dos poucos vestígios disponíveis.

Brás Pires Farinho surge nas fontes como estudante de gramática, proveniente de um meio modesto, mas não desprovido de recursos — sinal de uma formação acima do comum para o seu tempo. Este detalhe o distingue de muitos de seus contemporâneos, cuja origem semelhante não lhes franqueou acesso à instrução.

Menciona-se, ademais, um “infortúnio” que o teria levado a deixar Serpa, episódio que parece ser o ponto de ruptura decisiva em sua trajetória. Essa disposição para o deslocamento e a reinvenção reaparece no Brasil, quando, após desavenças com figuras locais em Guarapiranga, decide seguir adiante e fundar o arraial que perpetuaria seu nome.

Entre o estudante de gramática da vila portuguesa e o desbravador das Minas setecentistas, percebe-se uma linha de coerência: a de um homem resolutivo, cuja inquietude o impelia a recomençar, mas preferindo contornar as adversidades. Esse traço foi a força motriz de sua trajetória, aquela que o conduziu do anonimato em Serpa à posteridade toponímica no Brasil.

A trajetória desse genearca, recomposta a partir de fragmentos dispersos, exemplifica como a história de um único indivíduo pode condensar os movimentos de uma era: o trânsito atlântico, a mobilidade social, a persistência das linhagens e o ímpeto em fundar novos espaços de vida. Brás Pires Farinho, assim, transcende o papel de simples fundador: encarna, em sua figura, a

expressão viva da perseverança e da reinvenção que sustentaram a experiência luso-brasileira nos Setecentos.

Fontes de Pesquisa

PORTUGAL. Batizado de Brás. Livro de Batismos de 1681 a 1688 da Paróquia do Salvador de Serpa, fólio 92 vº, 07 fev. 1688. Arquivo Distrital de Beja. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/fileViewer/aa28a0a60ecf4ab99b399c6a898a44fb?isRepresentation=false&selectedFile=35819330&fileType=IMAGE>. Acesso em: 10 nov. 2025.

PORTUGAL. Requisitória a favor de Inácio Martins de Medeiros. Código de referência: PT/ADEVVR/FE/DIO-CEEVR/A/013/01956. Arquivo Distrital de Évora. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/fileViewer/75c4e348f5844c36a9261b11b1d4c9f0?isRepresentation=false&selectedFile=41378818&fileType=IMAGE>. Acesso em: 10 nov. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Histórico: Brás Pires. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=33349&view=detalhes>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Referências Bibliográficas

GOMES, Abel. Braz Pires: Subsídios para a História da Colonização de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1951.